



# Boletim de Economia

Análise crítica da economia e da indústria química brasileira

Sindicato Químicos Unificados

www.quimicosunificados.com.br CAMPINAS - OSASCO - VINHEDO

Assessoria Econômica - Fabiano Garrido - garridofabiano@hotmail.com

nº 11 - Setembro de 2010

## Dados do IBGE: Brasil ainda patina no subdesenvolvimento!

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou na semana passada os dados da última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio). Nesta pesquisa, realizada anualmente, pode ser observado os principais dados sociais do país. Abaixo comentamos alguns dados mais importantes, para tentar demonstrar que os avanços anunciados são muito pequenos e o que predomina é a condição de um país subdesenvolvido que ainda caminha a passos de tartaruga para superação das grandes desigualdades sociais.



### Número de trabalhadores associados a sindicatos cai

Em 2009, 16,5 milhões de trabalhadores eram associados a algum sindicato, o que

representa 17,7% da população ocupada. Houve uma redução de 1,9% em relação a 2008, quando o percentual foi 18,2%. A região Sul tinha o maior percentual de trabalhadores sindicalizados (20,7%) e a região Norte, o menor (14,1%). O número de trabalhadores associados a sindicatos caiu de 2008 para 2009 e no total apenas 17,7% da população ocupada está associada a sindicatos. Se já não bastassem os sindicatos pelegos que fazem o jogo das empresas, estes dados indicam que a maioria dos trabalhadores não tem qualquer representação sindical. Isso ocorre em um país em que o presidente da república é um ex-sindicalista. Daí a importância de termos políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho, sendo uma delas a redução da jornada de trabalho sem redução de salários. Se esta medida não for assumida enquanto uma proposta constitucional válida para todo o país, os trabalhadores sem qualquer representação sindical jamais terão força para impor esta negociação de forma isolada, em negociações por categoria profissional.



Existem algumas exceções, como é o caso dos Químicos Unificados, em que a jornada de trabalho no setor farmacêutico foi reduzida, mas no geral irá predominar a força do empresariado sobre o trabalhador desorganizado. Por isso a redução da jornada de trabalho sem redução de salários deve ser efetivada por uma mudança na constituição brasileira, única forma de garantir melhores condições de trabalho em todo o país.

### População desocupada cresce 18,5% em relação a 2008

A população desocupada (8,4 milhões de pessoas em 2009) cresceu 18,5% em relação a 2008, quando havia cerca de 7,1 milhões de desocupados no país. Em 2004 esse contingente era de 8,2 milhões de pessoas. A taxa de desocupação passou de 7,1% em 2008 para 8,3% em 2009, quando foi interrompida a trajetória de queda iniciada em 2006. Estes dados revelam que com a crise econômica de 2009 — chamada pelo governo de “marolinha” — houve um crescimento de 18,5% do desemprego no país, passando de 7,1 milhões para 8,4 milhões de desempregados, ou seja: mais 1,3 milhões de desempregados em apenas um ano. Os dados também indicam que a recuperação da economia em 2010 não tem se refletido na recuperação do emprego na mesma velocidade. No setor químico, por exemplo, enquanto a produção cresceu 12% no primeiro semestre deste ano, o emprego cresceu apenas 0,7%. O que significa dizer que o aumento da produção

está amparado numa maior exploração da força de trabalho.

### Rendimento do trabalho ainda é inferior ao de 1996. Lucros dos bancos dispararam!



O rendimento médio mensal de trabalho cresceu míseros 2,2% entre 2008 e 2009, subindo de R\$ 1.082 para R\$ 1.111. Antes disso o crescimento tinha sido de 1,7% em 2008; 3,5% em 2007 e 7,2% em 2006. Mesmo assim o rendimento médio do trabalho em 2009 (R\$1.111,00) continua abaixo do nível entre 1995 e 1998, quando variou de R\$ 1.113 a R\$ 1.121, com um pico de R\$ 1.144 em 1996. Ou seja, após 14 anos o rendimento médio do trabalho no Brasil sofreu redução, graças a uma política econômica que continuou concentrando renda e garantiu os maiores rendimentos aos banqueiros através do pagamento das maiores taxas de juros do mundo. Para termos uma idéia, segundo levantamento de consultorias especializadas, o lucro líquido consolidado dos oito principais bancos privados do País, cresceu 24% em 2009,

## JUROS: VOCÊ TAMBÉM TRABALHA NA EQUIPE ECONÔMICA DO GOVERNO?



em pleno ano da crise econômica. O Santander obteve um lucro líquido de R\$ 4,36 bilhões e crescimento de 58% na comparação de 2009 com

2008, e o Itaú Unibanco obteve um lucro de R\$ 10,06 bilhões, uma alta de 29% em apenas um ano.

### Taxa de analfabetismo continua alta

A taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos

ou mais caiu 1,8 ponto percentual entre 2004 e 2009. Apesar disso, no ano passado ainda existiam no Brasil 14,1 milhões de analfabetos, o que corresponde a 9,7% da população nesta faixa etária. A PNAD estimou também a taxa de analfabetismo funcional (percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade com menos de quatro anos de estudo) em 20,3%. O índice é apenas 4,1% menor que o de 2004 e 0,7% menor que o de 2008. O Brasil demorou seis anos (2004-2009) para reduzir a taxa de analfabetismo em apenas 1,8%. Com isso o país tem ainda 14 milhões de analfabetos e 28 milhões de analfabetos funcionais. O governo tem investido menos de 3% do orçamento em educação e 36% com o pagamento dos juros da dívida pública. O resultado não poderia ser outro: banqueiros enriquecem enquanto uma grande parcela da população não consegue

sequer aprender a ler e a escrever.

### Escolaridade dos trabalhadores.

Em 2009, 43% dos trabalhadores brasileiros tinham o ensino médio completo, e apenas 11% tinham concluído o nível superior. O que significa dizer que aproximadamente 46% da força de trabalho não têm sequer o segundo completo no Brasil. Entre 2004 e 2009 os trabalhadores com nível superior cresceram de 8% para 11%, indicando a lentidão com que temos avançado no aspecto educacional. Este aspecto é importante porque o nível de escolaridade é um dos fatores que explicam os baixos salários, além de caracterizar uma economia em que a maioria dos empregos estão ligados aos setores primários exportadores, comércio e serviços, em detrimento dos setores mais avançados do ponto de vista tecnológicos.



## DESIGUALDADE NO BRASIL

### DESIGUALDADE NO BRASIL

Por Frei Betto

Relatório da ONU (Pnud), divulgado em julho, aponta o Brasil como o terceiro pior índice de desigualdade no mundo. Quanto à distância entre pobres e ricos, nosso país empata com o Equador e só fica atrás de Bolívia, Haiti, Madagascar, Camarões, Tailândia e África do Sul.

Aqui temos uma das piores distribuições de renda do planeta. Entre os 15 países com maior diferença entre ricos e pobres, 10 se encontram na América Latina e Caribe. Mulheres (que recebem salários menores que os homens), negros e indígenas são os mais afetados pela desigualdade social. No Brasil, apenas 5,1% dos brancos sobrevivem com o equivalente a 30 dólares por mês (cerca de R\$ 54). O percentual sobe para 10,6% em relação a índios e negros.

Na América Latina, há menos desigualdade na Costa Rica, Argentina, Venezuela e Uruguai. A ONU aponta como principais causas da disparidade social a falta de acesso à educação, a política fiscal injusta, os baixos salários e a dificuldade de dispor de serviços básicos, como saúde, saneamento e transporte.

É verdade que nos últimos dez anos o governo brasileiro investiu na redução da miséria. Nem por

isso se conseguiu evitar que a desigualdade se propague entre as futuras gerações. Segundo a ONU, 58% da população brasileira mantém o mesmo perfil social de pobreza entre duas gerações. No Canadá e países escandinavos, este índice é de 19%.

O que permite a redução da desigualdade é, em especial, o acesso à educação de qualidade. No Brasil, em cada grupo de 100 habitantes, apenas 9 possuem diploma universitário. Basta dizer que, a cada ano, 130 mil jovens, em todo o Brasil, ingressam nos cursos de engenharia. Sobram 50 mil vagas... E apenas 30 mil chegam a se formar. Os demais desistem por falta de capacidade para prosseguir os estudos, de recursos para pagar a mensalidade ou necessidade de abandonar o curso para garantir um lugar no mercado de trabalho.

Nas eleições deste ano votarão 135 milhões de brasileiros. Dos quais, 53% não terminaram o ensino fundamental. Que futuro terá este país se a sangria da desescolaridade não for estancada?

Há, sim, melhoras em nosso país. Entre 2001 e 2008, a renda dos 10% mais pobres cresceu seis vezes mais rapidamente que a dos 10% mais ricos. A dos ricos cresceu 11,2%; a dos pobres, 72%. No entanto, há 25 anos, de acordo com dados do IPEA, este índice não muda: metade da renda total do Brasil está em mãos dos 10% mais ricos do país. E os 50% mais pobres dividem entre si apenas 10% da riqueza nacional.

Para operar uma drástica redução na desigualdade imperante em nosso país é urgente promover a reforma agrária e multiplicar os mecanismos de transferência de renda, como a Previdência Social. Hoje, 81,2 milhões de brasileiros são beneficiados pelo sistema previdenciário, que promove de fato distribuição de renda.

Mais da metade da população do Brasil detém

menos de 3% das propriedades rurais. E apenas 46 mil proprietários são donos de metade das terras. Nossa estrutura fundiária é a mesma desde o Brasil império! E quem dá emprego no campo não é o latifúndio nem o agronegócio, é a agricultura familiar, que ocupa apenas 24% das terras, mas emprega 75% dos trabalhadores rurais.

Hoje, os programas de transferência de renda do governo - incluindo assistência social, Bolsa Família e aposentadorias - representam 20% do total da renda das famílias brasileiras. Em 2008, 18,7 milhões de pessoas viviam com menos de  $\pi$  do salário mínimo. Se não fossem as políticas de transferência, seriam 40,5 milhões. Isso significa que, nesses últimos anos, o governo Lula tirou da miséria 21,8 milhões de pessoas. Em 1978, apenas 8,3% das famílias brasileiras recebiam transferência de renda. Em 2008 eram 58,3%.

É uma falácia dizer que, ao promover transferência de renda, o governo está "sustentando vagabundos". O governo sustenta vagabundos quando não pune os corruptos, o nepotismo, as licitações fajutas, a malversação de dinheiro público. Transferir renda aos mais pobres é dever, em especial num país em que o governo irriga o mercado financeiro engordando a fortuna dos especuladores que nada produzem. A questão reside em ensinar a pescar, em vez de dar o peixe. Entenda-se: encontrar a porta de saída do Bolsa Família.

Todas as pesquisas comprovam que os mais pobres, ao obterem um pouco mais de renda, investem em qualidade de vida, como saúde, educação e moradia.

O Brasil é rico, mas não é justo.

Frei Betto é escritor, autor de "Cartas da Prisão" (Agir), entre outros livros.